

O SUJEITO CONTEMPORÂNEO, UM SUJEITO SEM AMIGOS

Renata Felisatti

Aluna do Curso de Filosofia - Mackenzie

Desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade os filósofos se preocuparam com a questão da amizade, em conceituá-la e defini-la. Seus valores e virtudes foram se modificando de acordo com o ‘espírito da época’. A partir de dois filósofos, faremos um paralelo entre a amizade nos dias de hoje, onde o desencantamento do mundo pelo sujeito vem tornando os homens desamparados, vazios e sem verdadeiros amigos. Pela ótica de Montaigne em seu ensaio *Da Amizade* e de Aristóteles, no *Livro VIII da Ética a Nicômaco*; mostraremos como a Amizade na contemporaneidade se encontra perdida e esvaziada de sentido, se tornando muito mais um preencher do tempo, do que um verdadeiro sentimento de virtude.

Montaigne fala sobre os diversos tipos de afeições que são erroneamente confundidas com a amizade; sentimentos nascidos de nossos prazeres, vantagens que usufruímos ou associações formadas em vista de algum interesse. Nos dias de hoje, é assim que vivemos a amizade, confundida com sentimentos menores. Pessoas que conhecemos há pouco, em bares, na Faculdade, no trabalho e até nas redes de internet, denominamos *amigos*. Não sabemos nada sobre essas pessoas, de onde vêm para onde vão, quem são, do que gostam, quais são seus verdadeiros temores e sonhos, então

como podemos denominá-las *amigos*? Pela ótica de Montaigne, só há amizade quando conhecemos verdadeiramente uma pessoa, melhor do que a nós mesmos; e, de acordo com ele, uma única pessoa. Montaigne em seu texto, ressalta sua amizade ímpar com *La Boetie* à ponto de dizer que o amava e que após a sua morte, afirma que se sentia como se fosse apenas metade, e não soube detectar a razão, esse porquê, a não ser respondendo: “porque era ele; porque era eu” (MONTAIGNE, 2000, p.182). “A nossa foi única no gênero e deve-se tão somente a si própria” (MONTAIGNE, 2000, p.183).

Aristóteles faz um recorte sobre amizade, traduzível também por amor (filia). A amizade é uma virtude; ou seja, é uma potência moral do homem. A concepção de virtude como hábito; segundo Aristóteles, a virtude é o hábito que torna o homem bom e lhe permite cumprir bem a sua tarefa; “ (...) a virtude (*arete*) num ser humano será a disposição que o torna um bom ser humano e também o que o fará desempenhar sua função bem” (2009, p.75); e ela é nobre em si mesma, “... quando dois caminham juntos...” (2009, p.235).

De acordo com Aristóteles, primeiro, a amizade existe universalmente entre os homens e ninguém vive sem amigos. Segundo, “ela só é possível entre os membros da espécie humana, não se pode ter amizade por cachorros, flores ou vinhos” (ARISTÓTELES, 2009, p.236). E o mais importante de tudo, o valor da verdadeira amizade é a virtude e a nobreza. Estes quesitos são vitais e nos levam a reflexão: Há ainda uma amizade verdadeira hoje em dia? Várias pessoas consideram mais seu animal de estimação do que outros homens. Para Aristóteles, o valor da verdadeira amizade é, “A forma perfeita da amizade é aquela entre indivíduos bons e mutuamente semelhantes em matéria de virtude, isso porque esses amigos desejam igualmente o bem alheio *na qualidade* de bem e são bons em si mesmos” (ARISTÓTELES, 2009, p.240).

Mas quantos homens do século XXI são nobres ou virtuosos, agem pensando apenas no bem do outro e não no seu próprio bem? O homem do século XXI é egoísta, vazio e fragmentado; é um homem que se aproxima de outro homem querendo algo em troca; indo por um caminho de uma amizade que Aristóteles classifica como amizade por utilidade, uma amizade efêmera e incidental; mas aí surge uma pergunta, “os seres humanos amam o que é realmente bom ou o que é bom para si?” (ARISTÓTELES, 2009, p.237). Mas, hoje em dia, será que o homem sabe o

que é bom para o coletivo como ser virtuoso, ou ficamos apenas com o conceito de “bom para si”?

Segundo Montaigne, numa verdadeira amizade, “uma das primeiras obrigações dela é dar conselhos ou formular censuras” (2000, p.179), mutuamente entre dois amigos; porém, o homem atual dificilmente aceita ser censurado, como se fosse uma coisa negativa; quando por vezes é para o seu próprio bem; ele busca incessantemente ser elogiado, como se o elogio fosse sinônimo de bem querer, mas o que ele se esquece, é que o elogio é o caminho mais fácil e muitas vezes, é uma simples mentira para evitar desconfortos. Montaigne cita exemplos de relações de pais e filhos deixando claro o porque não há uma amizade entre eles; “Aristipo, pôs-se a cuspir dizendo que, assim como os filhos, isso também saia dele; e Plutarco, “não o estimo mais porque saiu do mesmo buraco” (MONTAIGNE, 2000, p.179). E quando ele chama *La Boétie* de irmão, é no sentido de evoluir de uma amizade e não no sentido biológico apenas. E Montaigne continua, que para seguir esse caminho da verdadeira amizade, é fundamental que os amigos andem com os passos iguais, é a correspondência dos gostos que engendra a verdadeira e perfeita amizade. Hoje estamos engatinhando em relação a nós mesmos, não sabemos quem somos. Então como escolher semelhantes? Após duas grandes guerras o homem ficou dilacerado, perdido de histórias e de amigos, se tornando um ser desconfiado. Nas amizades que nos impõe a lei e as obrigações naturais, nossa vontade não se exerce livremente, elas não resultam de uma escolha, e nada depende mais de nosso livre-arbítrio que a amizade e a afeição. “Amigos nunca divergem em suas ações” (MONTAIGNE, 2000 p.180). Num pensar igualmente verdadeiro, aquele que sai do fundo da alma, sincero e sem temor de desagradar, pois se o sentimento é verdadeiro, jamais desagrada. Homens que se querem bem acima de tudo.

Aristóteles, vê a amizade entre os seres humanos como um sentimento necessariamente mútuo, a afeição precisa ser conhecida pelas duas partes e a causa ou fundamento de sua afeição tem que ter uma das qualidades *amáveis* (bom, prazeroso, útil). Há três tipos de amizade que correspondem numericamente às três qualidades amáveis. Assim amigos que se amam com fundamento na utilidade não se amam por si mesmos, mas na medida em que algum benefício lhes possa advir de outro. E algo análogo acontece com aqueles cuja amizade está baseada no prazer, exemplo, apreciamos a companhia de pessoas espirituosas não pelo que elas são em si mesmas, mas porque são agradáveis. Portanto, numa amizade cujo fundamento é a utilidade ou

o prazer, o indivíduo ama seus amigos para seu próprio bem e seu próprio prazer, não cogitando aqui as pessoas *amadas*, mas da utilidade ou prazer que elas propiciam.

“E, portanto, essas amizades são apenas acidentais, uma vez que o amigo não é amado pelo que é, mas pelo fato de ser capaz de proporcionar algum benefício ou prazer, conforme cada caso. Por isso são amizades facilmente rompidas, são amizades pouco duradouras, e desaparecendo o motivo da amizade, ela dissolve-se na própria amizade, sua existência tendo sido apenas um meio para aquele fim.” (ARISTÓTELES, 2009, p.238).

No século XXI é justamente as amizades por utilidade e por prazer, que vemos com frequência surgir e sumir. *Amigos* que se encontram para ir as festas, mas que mal se conhecem e logo se esquecem; que se juntam para beber após um dia cheio de trabalho se denominando amigos, dão tapinhas nas costas, contam piadas, falam do chefe, do trabalho e de futebol, se divertem; mas se uma dessas pessoas sai do emprego ele deixa de ser chamado para esse *happy hour*, ou, pior, se ele não está bem, acaba sendo excluído por estar “*não feliz*”; ou seja, a amizade terminou, não durou mais que uma *temporada de verão*. E “...quando se trata de amizade nada intervém senão ela e ela unicamente” (MONTAIGNE, 2000, p.180).

Para Montaigne, a amizade ao contrário, cresce com o desejo que dela temos; eleva-se, desenvolve-se e se amplia na freqüentação, porque é de essência espiritual e a sua prática apura a alma. Juntamente com essa “perfeita amizade, conheci outrora essas afeições passageiras...” (2000, p.180). Ela é fruto de muito dedicação, tempo, “eleva-se, desenvolve-se e se amplia na freqüentação...” (2000, p.180). Para Aristóteles, amigos são aqueles que querem o bem de seus amigos em favor de seus amigos, que são amigos no sentido mais pleno, visto que se amam por eles mesmos e não *acidentalmente*, como um meio para atingir, prazer ou lucro. E tal amizade é naturalmente duradora, pois combina em si mesma todos os atributos que amigos devem possuir. “É entre indivíduos bons que o afeto e a amizade existem sob a sua forma mais completa e melhor” (2009, p.240). “Essas amizades, com certeza, são raras, pois esses indivíduos são poucos” (2009, p.240). A verdadeira amizade é desinteressada e é uma construção, demanda tempo e familiaridade; como diz o provérbio, não se pode obter um conhecimento mútuo enquanto não se tiver “*comido o sal juntos*” (2009, p.241); “e assim não se pode admitir a amizade de alguém e realmente tornar-se amigo sem que cada um tenha demonstrado ao outro que *é digno*

de amizade e que conquistou a confiança do outro” (2009, p.241). Somente indivíduos bons são capazes de ser amigos pelo que são em si mesmos. E para que a amizade permaneça é necessário disposição para praticá-la, pois a distância física e a falta de tempo enfraquecem a amizade, dissolvendo-a. “A verdadeira amizade é para sempre” (2009 p. 241).

Para Montaigne, uma perfeita amizade vem da alma, e a alma provoca plena satisfação. Os laços de amizade se fortalecem, a intimidade e a cumplicidade se estabelecem com a frequência de um pelo outro, quando se vêem, encontram, conversam, saem. Ele cita como exemplo de amizade de *Tibério Graco e Caio Blóssio*.

“Nossas almas caminharam tão completamente unidas, tomadas uma pela outra de tão ardente afeição, essa afeição que penetra e lê no fundo de nós mesmos, que não somente eu conhecia a sua como a minha, mas teria, nas questões de meu interesse pessoal, mais confiança nele do que em mim mesmo” (MONTAIGNE, 2000, p.183).

Em suma, o que chamamos comumente de amigo ou amizade não passam de sentimentos menores; travados através da oportunidade e do interesse e por meio das quais nossas almas se entretêm, mas não se realizam, são felicidades passageiras e irreais.

“Na amizade a que me refiro, a amizade com *La Boétie*, as almas se entrosam e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer uma linha de demarcação” (MONTAIGNE, 2000, p.182).

Os Sujeitos da contemporaneidade estão sempre correndo atrás de algo, sem tempo para si mesmos e, menos ainda, para outros; uma verdadeira amizade só se mantém com a frequência e a dedicação de um pelo outro. É preciso muitos anos para a amizade aflorar, se estabelecer e se fortalecer; “A amizade atinge sua irradiação total na maturidade da idade e do espírito” (MONTAIGNE, 2000, p.182).

“É verdade que a amizade assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade” (MONTAIGNE, 2000, p.178). No nosso tempo, não é permitido ao homem uma verdadeira amizade como definida por Montaigne ou Aristóteles, mas sim cúmplices para suas neuroses, asfixias, medos e pequenas felicidades. No século XXI, o melhor amigo do homem é o “*prozac*”. O sujeito busca aliviar suas angústias, dores

e desesperos, da forma mais imediata possível, e, muitas vezes outros sujeitos se encontram muito ocupados, não sobra tempo do “*homem ao homem*”.

Uma amizade, atualmente, é algo bastante raro, quase inexistente, especialmente aquela descrita por Montaigne e por Aristóteles. E quando pensamos num mundo sem amizade, é um mundo cinza, muito perto do mundo que vivemos hoje; um mundo com muitas guerras, disputas, brigas, bombas, preconceitos e discriminações do homem pelo homem. O nosso século é repleto de barbáries e descasos.

Como diria Nietzsche já no século XIX, o “*último homem*” não tem forças para agir, sua vontade é muito fraca, é um homem cansado. A era contemporânea se tornou um mundo de “*últimos homens*”. São homens perdidos e sozinhos, sem amigos; *desaprendemos* a ser felizes, a amar e a ter verdadeiros amigos.

Bibliografia

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*, volume 1. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000.
ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco, Livro II e VIII*. São Paulo: Editora Edipro, 2009.
Aulas de Oficina II da Angela Zamora, 2010.